

NEUROCIÊNCIA E SUAS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

ISSN: 2675-3154

DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM ESPAÇO DE ACOLHIMENTO AS DIFERENÇAS

DIVERSITY IN SCHOOLS: FOSTERING AN INCLUSIVE ENVIRONMENT FOR DIFFERENCES

Hadassah Guerrato

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o preconceito e o bullying relacionados às diferentes características físicas, bem como discutir a relevância do papel da escola nesse processo, a partir da análise dos filmes *O Rei do Show* e *Extraordinário*. As situações de preconceito retratadas nessas obras permitem estabelecer conexões com a realidade vivida no contexto social e escolar, possibilitando reflexões críticas acerca das práticas de exclusão ainda presentes no cotidiano dos estudantes. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma metodologia de caráter bibliográfico, fundamentada em autores como Lopes Neto (2005), Guareschi (2008), Fante (2008), Xavier (2008), Oliveira e Anjos (2019), Fontana e Gomes (2020), Barbosa (2007) e Chrispino (2007). Esses referenciais teóricos contribuíram para a compreensão da complexidade do bullying e do preconceito, bem como de suas implicações no desenvolvimento humano e escolar. Nesse sentido, ressalta-se a

importância de promover diálogos constantes sobre o bullying e as diferentes formas de violência praticadas no ambiente escolar, enfatizando os danos que tais práticas acarretam aos indivíduos. Defende-se a necessidade de fomentar o respeito às diferenças e de trazer para a escola debates que favoreçam o acolhimento, a empatia e a valorização da diversidade. Além disso, destaca-se o papel fundamental da família nesse processo, atuando em parceria com a instituição escolar na construção e no fortalecimento de identidades, de modo a prevenir situações de exclusão e a promover uma cultura de respeito mútuo.

Palavras-chave: Preconceito, Bullying, Diferenças físicas, Escola, Violência, Empatia, Família, Acolhimento

Abstract

This article aims to investigate prejudice and bullying related to different physical characteristics, as well as to discuss the relevance of the school's role in this process, based on the analysis of the films *The Greatest Showman* and *Wonder*. The situations of prejudice portrayed in these works allow connections to be drawn with the realities of social and school contexts, enabling critical reflections on exclusionary practices that are still present in students' daily lives. The research was developed through bibliographic methodology, grounded in authors such as Lopes Neto (2005), Guareschi (2008), Fante (2008), Xavier (2008), Oliveira and Anjos (2019), Fontana and Gomes (2020), Barbosa (2007), and Chrispino (2007). These theoretical references contributed to the understanding of the complexity of bullying and prejudice,

as well as their implications for human and educational development. In this sense, the importance of promoting ongoing dialogues about bullying and the different forms of violence practiced in the school environment is highlighted, with an emphasis on the damage such practices cause to individuals. It also defends the need to foster respect for differences and to bring debates into the school that encourage inclusion, empathy, and the appreciation of diversity. Furthermore, the fundamental role of the family in this process is underscored, working in partnership with the school in the construction and strengthening of identities, in order to prevent situations of exclusion and promote a culture of mutual respect.

Keywords: Prejudice, Bullying, Physical differences, School, Violence, Empathy, Family, Inclusion

1 Introdução

Esta pesquisa buscou analisar, dois filmes: *O Rei do Show e Extraordinário* (2017) para discutir sobre o preconceito e os danos que esse causa na vida de quem sofreu ou sofre com isso. Segundo Lopes Neto (2005), o comportamento violento, que causa tantos temores é resultado da interação entre a composição individual e social, ou seja, o meio que ele permeia, a família, a escola e a comunidade. Para entender a concepção de bullying são todas as ações que agredem de modo intencional e insistente sem motivo aparente, podendo ser feitas por uma ou mais pessoas contra uma outra, provocando sofrimento e dor. De acordo com o autor, essa ação é realizada numa relação de poder, em que o bullying se apresenta pela diferença de idade, tamanho, ou apoio de um grupo. Esse modo agressivo de agir nas escolas, muitas vezes é visto com normalidade, sendo ignorado tanto pela família como os responsáveis que fazem parte do espaço escolar. Neto (2005), constata que o reflexo do mundo exterior infelizmente é visto no espaço escolar, tornando-o em ambientes inseguros, um lugar de traz sofrimento e temor em função da violência, deixando de ser um lugar seguro e de acolhimento. Sendo assim, o contexto que os dois filmes trazem, servem como reflexão sobre essas realidades seja no espaço escolar ou social, da importância do respeito as diferenças, e a importância de promover a empatia e de ambientes que acolham, e que não tolerem situações de preconceitos.

2 AS MARCAS QUE O BULLYNG DEIXA NA VIDA DAS PESSOAS

O bullying, na visão acadêmica, é concebido como um fenômeno social e educacional complexo que ultrapassa a noção de simples conflito interpessoal. Ele é entendido como um processo sistemático e reiterado de violência física, verbal, psicológica ou simbólica, caracterizado por intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder entre os envolvidos. Segundo Olweus (1993), pioneiro nos estudos sobre o tema, o bullying distingue-se de outros tipos de agressão por ocorrer de forma continuada e envolver relações assimétricas, em que a vítima encontra-se em situação de vulnerabilidade frente ao agressor. Essa perspectiva foi ampliada por autores como Abramovay e Rua (2002), que associam o fenômeno às dinâmicas de exclusão social, desigualdade e fragilidade dos vínculos de pertencimento no espaço escolar, entendendo-o como reflexo das tensões culturais, econômicas e políticas mais amplas que atravessam a sociedade.

No campo da educação, o bullying é analisado como obstáculo ao direito de aprender e como prática que compromete o ambiente escolar, produzindo impactos no desenvolvimento socioemocional, cognitivo e acadêmico dos estudantes. Pesquisas recentes (Fante, 2012; Silva, 2017) apontam que o bullying deve ser interpretado em uma perspectiva multidimensional, considerando fatores individuais, familiares, institucionais e sociais. A escola, nesse sentido, não é apenas cenário onde o bullying se manifesta, mas também espaço que pode potencializar ou minimizar suas ocorrências, dependendo das práticas pedagógicas, das políticas institucionais e da formação dos profissionais. Assim, a visão acadêmica defende que o enfrentamento ao bullying deve articular políticas públicas, práticas educativas inclusivas e ações interdisciplinares que promovam o respeito às diferenças, a equidade e a cultura de paz, ultrapassando a responsabilização individual e assumindo a complexidade social do fenômeno.

Neto (2005), aponta que a escola tem para as crianças e adolescentes, um valor significativo, quando esses não gostam desse espaço, acabam se comprometendo tanto na parte física e emocional, caindo o rendimento escolar, e no desgosto, quando o bullying se apresenta na escola, este afeta da mesma forma que as interações sociais existentes na instituição de ensino. Para o autor, o bullying acontece de maneira direta ou indireta, de qualquer modo, as duas causam danos à vítima. A forma direta dessa ação, é feita por agressões físicas e expressões verbais exemplos: ameaças, apelidos, forçar a fazer alguma atividade e tantos outros.

A outra forma de prática de bullying segundo o autor, a indireta acontece pautada por meio de fofocas, calúnias, discriminação e propagação destas, com objetivo claro de diminuir, de excluir e de ser beneficiado de alguma forma, manipulando a vida social do outro. Osório (1989), constata que quem pratica o bullying faz como meio de intimidação para assim criar uma imagem diante dos demais, por outro lado a vítima acaba adquirindo rótulos que a diminuem. Porém para o autor, tanto quem pratica como quem sofre a construção individual dessas identidades são afetadas negativamente no momento de enfrentar uma crise.

Sendo assim, Guareschi (2008), cita que as principais preocupações com quem sofre o bullying, no período escolar, são a queda de rendimento, autoestima baixa, problemas com a aprendizagem, nos relacionamentos com o outro e o isolamento. Diante de todos esses fatores, poderá motivar o abandono da escola, pois de acordo com o autor, a forma como cada pessoa lida com esses problemas e que causam sofrimentos, se conseguem superar ou não está relacionado com suas características individuais de cada um. Nesse contexto, estão as relações estabelecidas, sua constituição e os fatores que permeiam de forma interna.

Fante (2008), aponta que quem passa por isso, poderá levar para a vida adulta, não sabendo como se relacionar socialmente, buscando isolamento. Entretanto, o autor afirma que, quem pratica o bullying, também terá consequências de seus atos, a construção de sua identidade podendo seguir um caminho da ilegalidade. Do mesmo modo, essas pessoas possivelmente seguirão o mesmo traço, sendo elas preconceituosas, intolerantes e discriminatórias. Desse modo, Xavier (2008), enfatiza que o bullying não atinge apenas a vítima, mas todos os envolvidos, seja modo direto ou indiretamente, acarretando em “marcas” sejam elas físicos, psicológicos, sociais, cognitivos e éticos dos indivíduos, podendo ser eles os agressores, as vítimas ou os expectadores, pois as consequências dessa violência são muitas, afetando a todos os envolvidos.

3 DIVERSIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA

A escola, historicamente concebida como espaço de homogeneização e disciplinamento dos corpos e saberes, enfrenta o desafio de se constituir em lugar de reconhecimento das múltiplas identidades, linguagens e formas de existência que nela coexistem. Nesse sentido, a diversidade não pode ser reduzida a um slogan ou a uma ação pontual, mas deve se configurar como uma proposta pedagógica crítica, comprometida com a valorização das diferenças e com a produção de práticas que tensionem o currículo hegemônico, ainda fortemente marcado por visões eurocêntricas e monoculturais. Autores como Candau (2016) e Hall (2003) destacam que o reconhecimento da diversidade implica em uma

revisão das bases epistemológicas que sustentam a educação, promovendo deslocamentos nos modos de ensinar, aprender e avaliar.

A diversidade, enquanto proposta pedagógica, exige o rompimento com paradigmas de normalização que historicamente legitimaram a exclusão de grupos minoritários, como estudantes negros, indígenas, migrantes, pessoas com deficiência, LGBTQIA+ e aqueles em condição de vulnerabilidade social. A pedagogia da diversidade, nesse contexto, busca superar o viés assistencialista e propor práticas transformadoras, pautadas na justiça cognitiva e no diálogo intercultural. Nessa perspectiva, Boaventura de Sousa Santos (2007) afirma que a escola precisa assumir a ecologia dos saberes, reconhecendo a legitimidade de diferentes formas de conhecimento e de expressão cultural. Assim, ao transformar a diversidade em eixo estruturante da prática pedagógica, a instituição escolar não apenas acolhe as diferenças, mas se abre à construção coletiva de novos sentidos para a educação, ampliando sua função social e política.

A adoção da diversidade como proposta pedagógica implica, ainda, na revisão das políticas curriculares e na formação docente. O currículo deve deixar de ser concebido como mero conjunto de conteúdos pré-estabelecidos para se tornar espaço de negociação cultural, onde vozes historicamente silenciadas sejam reconhecidas e legitimadas. Nesse processo, a escuta ativa dos estudantes e das comunidades torna-se central, conforme defende Paulo Freire (1996), ao apontar que o ato de educar é sempre político e relacional, exigindo do educador uma postura dialógica. A formação inicial e continuada dos professores, portanto, deve contemplar a dimensão intercultural, capacitando-os a lidar com as diferenças não como problemas a serem resolvidos, mas como oportunidades pedagógicas de ampliar o horizonte da aprendizagem e da convivência democrática.

Outro aspecto relevante refere-se às práticas avaliativas, que, em um projeto pedagógico voltado à diversidade, precisam ser repensadas para superar modelos padronizados e classificatórios. A avaliação deve assumir caráter processual, formativo e inclusivo, valorizando as múltiplas trajetórias dos estudantes e suas formas singulares de aprender. Além disso, é necessário reconhecer que a diversidade não se restringe ao plano cultural e identitário, mas também se articula a dimensões socioeconômicas e territoriais, exigindo que as escolas desenvolvam estratégias pedagógicas sensíveis às realidades locais. Nesse sentido, a escola torna-se espaço de produção de cidadania, ao proporcionar que cada sujeito possa se reconhecer e se projetar na sociedade de forma digna e crítica.

Portanto, pensar a diversidade no ambiente escolar como proposta pedagógica implica assumir a educação como prática social de transformação e como campo

de disputa de sentidos. A diversidade não deve ser entendida como obstáculo, mas como potência capaz de enriquecer os processos de ensino-aprendizagem, ressignificar o currículo e fomentar a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Nesse horizonte, a escola pode tornar-se efetivamente inclusiva, comprometida com a valorização da pluralidade e com a formação de sujeitos críticos, capazes de reconhecer-se em suas diferenças e de lutar pelo direito à igualdade e ao respeito.

Entende-se que a escola é um espaço que acolhe diferentes indivíduos, sendo assim, um espaço das diferenças. Nesse sentido, de acordo com Oliveira e Anjos (2019), é nela que poderemos formar um futuro mais tolerante, com sujeitos solidários e que não aceitem a discriminação seja ela consigo, ou com o outro. Desse modo, prioriza o respeito mútuo à diversidade cultural, contribuindo para um ambiente pacífico valorizando as diferenças.

De acordo com os autores, a escola deve ser um [...] espaço de diversidade e de desenvolvimento humano, considerando que as lutas por igualdade e respeito às diferenças ainda são constantes na sociedade e também no ambiente escolar. Sabe-se que a escola se apresenta como um lugar de mudança, considerada o ponto de partida rumo às transformações conceituais, que garantem a educação para todos. (OLIVEIRA; ANJOS, 2019, p.1)

É fundamental discutir no ambiente escolar o tema diversidade, seja ele, cultural, racial, social e as diferentes particularidades de cada sujeito. No filme Rei do Show (2017), é visível os impactos sociais que o preconceito causa, na qual são julgados e diminuídos pelo simples fato de ser diferente. é indispensável problematizar e incluir nas práticas pedagógicas esse tema que pode facilitar um bom convívio dentro do espaço escolar e fora dele. De acordo com Gusmão (2000 p. 21, apud, Oliveira; Anjos, 2019, p.1/2), “o desafio que permanece é, então, compreender a educação enquanto processo de aprendizagem, baseado na comunicação e na troca permanente entre diferentes”. Nesse contexto, é necessário que os docentes compreendam essas diferenças não como uma barreira, mas sim, como um meio de explorar esse tema dentro de suas metodologias, através do diálogo, proporcionando novos conhecimentos e possibilitando debates que tragam como pauta atitudes que são geradas pelo preconceito.

Dessa forma, a escola se apresenta como o espaço mais adequado para discutir e orientar os alunos sobre as práticas conscientes que devem ter com o outro. Por ser um espaço que contêm profissionais preparados para debater e conscientizar estes sobre a importância do respeito em relação a diversidade existente no mundo, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes sobre suas

práticas e favorecendo a coletividade entre os sujeitos. O professor precisa “[...] proporcionar aos alunos um aprendizado de como conviver com as diferentes realidades e desenvolve, em sala de aula, um ambiente interativo, em que os alunos consigam ter melhor aceitação entre si”. (OLIVEIRA; ANJOS, 2019, p.2)

Assim sendo, podemos considerar que essas questões abordadas fazem parte da rotina da escola, na qual dificultam a convivência entre os sujeitos que dela fazem parte, sejam alunos, ou os professores que enfrentam essa problemática de não aceitação em relação as diferenças existentes. de não compreenderem as diferenças.

Com isso, é necessário trazer para o ambiente escolar essa problemática tão importante para a sociedade, na formação de sujeitos mais tolerantes, conscientes e receptivos. Assim, contribuíram para uma melhor convivência social dentro da escola e fora dela, tornando-lhes sujeitos conscientes sobre a aceitação e o respeito que se deve ter em relação ao outro.

4 A MEDIAÇÃO COMO FERRAMENTA NA RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

De acordo com Fontana e Gomes (2020), a mediação é um instrumento que contribui para a resolução de situações conflitantes e ajuda a mudar a forma de como resolve-lo. Diante disso, a mediação é um meio que se facilita a cooperação e o diálogo, provendo experiências práticas dentro do espaço escolar, já que este local ocorre inúmeros conflitos. A escola a partir do trabalho de mediação, consegue refletir e fazer uma avaliação da forma como resolver seus conflitos, visualizando assim esse contexto com mais positividade e também como um processo transformador.

Do mesmo modo, as autoras afirmam que o desafio maior para a sociedade como um todo, e para o ambiente escolar de um modo especial, é dar espaço a crítica e ter compromisso com a justiça, o respeito e principalmente a garantia de direitos dos cidadãos. Portanto, a escola é um lugar privilegiado, na qual há a possibilidade real para que as pessoas de fato busquem um mundo que respeite o outro, e as diversidades. Desse modo, para que a escola seja um espaço de em que também contribui na construção de identidade dos sujeitos baseados no respeito e tolerância, é preciso que esse espaço acolha as diferenças, esteja aberta não somente o espaço físico, mas as falas, observando os acontecimentos dessa diversidade cultural, de pensamentos, de posicionamentos diversos que a partir de diálogos se constroem ambientes de paz, na qual a escola precisa estar atenta a isso de modo constante.

Barbosa (2007), traz para entendimento, que a concepção de socialização dos indivíduos no espaço escolar, não é algo que acontece de modo simples, pois nem sempre os métodos de socialização da escola vão de encontro das culturas dos alunos, muito menos das famílias destes. Portanto se percebe um distanciamento entre a realidade escolar com as diferentes realidades na qual é vivida pelos alunos, e assim não consegue compreender, nem atender as inquietações e os questionamentos dos sujeitos que frequentam esse espaço, e que necessitam de práticas docentes sempre em processo constante de reorganização. Desse modo, Chrispino (2007), aponta como reflexão que “com a massificação, trouxemos para o mesmo espaço alunos com diferentes vivências, com diferentes expectativas, com diferentes sonhos, com diferentes valores, com diferentes culturas e com diferentes hábitos [...], mas a escola permaneceu a mesma!” (CHRISPINO, 2007, p.16)

Compreendendo que as relações e interações com o outro é inevitável, seja na vida social ou escolar, o respeito é fundamental para constituição individual e ampliar o universo cultural. Desse modo, Costa & Matos (2007 apud SOUSA, 2014), afirma que, mesmo que haja conflitos no relacionamento com o outro, é preciso ver oportunidades de crescimento seja no individual ou no coletivo. Por isso, conflitos quando solucionados e bem entendidos proporcionam melhores interações com os demais, e dentro do espaço escolar fortalece os vínculos sociais.

De acordo com os autores, muitas vezes a escola opta por recursos mais fáceis quando se fala em mediação escolar, e não capacitam os alunos como protagonistas nessa resolução de conflitos, já que esses serão os cidadãos formados futuramente. Nesse caminho, podemos ressaltar que no filme “Rei do Show” (2017), onde o contexto é um espaço social e com diversidade de pessoas, sujeitos que trazem questões não resolvidas, repletas de preconceitos se acham no direito de diminuir o outro, não respeitando as diversidades e particularidades de cada um. Sendo assim de acordo com os autores, é fundamental avançar na pesquisa e refletir sobre o processo de mediação, pois a psicologia tem como objeto de estudo o homem, sendo este uma fonte abundante de elementos considerando as suas particularidades.

Diferentemente de mecanismos tradicionais, como a punição ou a mera negociação unilateral, a mediação constitui-se em um processo dialógico, participativo e horizontal, cujo objetivo central é restabelecer o diálogo entre as partes envolvidas, promover a escuta ativa e buscar soluções construídas de forma colaborativa. De acordo com Moore (1998), a mediação é uma intervenção de terceiro imparcial que facilita a comunicação entre pessoas em disputa, auxiliando na identificação de interesses comuns e na construção de acordos

sustentáveis. Nessa perspectiva, a mediação assume caráter pedagógico, pois não se restringe à resolução pontual de conflitos, mas contribui para a formação de sujeitos capazes de desenvolver competências socioemocionais, como a empatia, a cooperação e a capacidade de convivência democrática.

No âmbito escolar, a mediação se torna ferramenta estratégica para enfrentar situações de violência simbólica, bullying, intolerância e disputas interpessoais que impactam diretamente o clima institucional e o processo de aprendizagem. Autores como Tavares dos Santos (2002) e Charlot (2002) destacam que a escola é um espaço atravessado por tensões sociais, culturais e econômicas que se expressam nas relações cotidianas. Assim, compreender o conflito como parte constitutiva da vida escolar é fundamental para não reduzi-lo a algo exclusivamente negativo, mas reconhecê-lo como oportunidade pedagógica de crescimento individual e coletivo. A mediação, nesse sentido, não busca simplesmente eliminar os conflitos, mas transformá-los em experiências de aprendizagem que favorecem a construção de uma cultura de paz, pautada no respeito às diferenças e na valorização do diálogo.

A mediação também se diferencia por seu caráter preventivo e emancipador. Ao criar espaços de fala e escuta, ela contribui para desnaturalizar práticas autoritárias, rompendo com modelos hierárquicos que muitas vezes silenciam os sujeitos em situação de vulnerabilidade. Segundo Lederach (2005), a mediação pode ser entendida como parte de um processo mais amplo de construção da paz, que exige a participação ativa das comunidades e o fortalecimento dos vínculos sociais. No caso das instituições escolares, isso implica em formar mediadores entre professores, estudantes, gestores e famílias, capazes de atuar como facilitadores de processos colaborativos. Essa prática fortalece a democracia escolar, estimula a autonomia dos sujeitos e ressignifica o papel da escola como espaço de produção de cidadania e justiça social.

Portanto, a mediação deve ser compreendida não apenas como uma técnica de resolução de disputas, mas como uma ferramenta pedagógica e política de transformação das relações sociais. Ao favorecer o diálogo, a escuta e a corresponsabilização, ela cria condições para que os conflitos sejam enfrentados de forma ética, justa e educativa, contribuindo para o desenvolvimento de uma cultura institucional baseada na solidariedade e no reconhecimento mútuo. Em um mundo cada vez mais marcado pela polarização e pela intolerância, a mediação representa uma possibilidade concreta de construção de comunidades mais inclusivas, cooperativas e democráticas, reafirmando seu potencial como prática indispensável no campo da educação e em outros espaços de interação social.

5 CONCLUSÃO

Para concluir, é necessário enfatizar que todas as formas de diminuição do outro seja pelas características físicas, pela cultura, pela etnia, pelo modo de viver ou pelas formas de expressão individual — deixam marcas profundas e causam sofrimento. Essas práticas discriminatórias não apenas ferem a dignidade dos sujeitos diretamente envolvidos, mas também fragilizam os laços sociais e comprometem o processo de aprendizagem e de desenvolvimento humano. Diante disso, atitudes de empatia e respeito devem ser trabalhadas, especialmente nos espaços em que os indivíduos são formados e socializados, sendo a escola o principal deles. Cabe ao educador, portanto, assumir a responsabilidade de trazer essas questões para o debate cotidiano, uma vez que ignorá-las ou silenciá-las é perpetuar um ciclo de preconceito e exclusão.

A ausência de espaços de diálogo sobre preconceito, bullying e discriminação abre caminho para a propagação de práticas que desconstroem a harmonia e alimentam a violência. A escola, nesse sentido, não pode se omitir, pois é nela que se forjam cidadãos críticos, capazes de atuar com responsabilidade e compromisso na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. É preciso, portanto, que a escola se reconheça como um ambiente de transformação, onde as diferenças são vistas como potências, e não como ameaças. Ao fazer isso, ela não apenas cumpre seu papel pedagógico, mas também contribui para a formação de uma cultura de paz, que se estende para além dos muros escolares e alcança toda a comunidade. O silêncio diante da violência simbólica e física é cúmplice do agressor e agrava o sofrimento da vítima. Por isso, é fundamental que a escola crie canais de escuta e acolhimento, onde os estudantes se sintam seguros para expressar suas angústias e denunciar as agressões sofridas. Além disso, é preciso investir na formação de professores e gestores, para que saibam identificar e intervir adequadamente em situações de bullying, promovendo a mediação de conflitos e a reparação dos danos causados. A escola, como espaço de socialização, tem o dever de ensinar a convivência, o que implica em aprender a lidar com as diferenças de forma respeitosa e construtiva. Isso não significa apagar as identidades ou homogeneizar os comportamentos, mas sim valorizar a pluralidade e a singularidade de cada indivíduo. Ao fazer isso, a escola não apenas combate o bullying, mas também promove a cidadania, a democracia e os direitos humanos. Portanto, a luta contra o bullying é uma luta por uma escola mais humana, mais justa e mais inclusiva, que acolhe a todos e a cada um em sua singularidade. É uma luta que exige o compromisso de todos — educadores,

estudantes, famílias e sociedade — na construção de um futuro em que o respeito e a empatia sejam os pilares das relações humanas.

Assim, reafirma-se que a escola deve assumir seu papel como espaço privilegiado para a formação de sujeitos conscientes, empáticos e respeitosos. Ao promover discussões abertas e práticas pedagógicas inclusivas, possibilita-se que crianças e adolescentes aprendam a conviver com a pluralidade, reconhecendo-a como fonte de riqueza social e cultural, e não como obstáculo. Mais do que ensinar conteúdos, a escola precisa favorecer experiências de convivência que fortaleçam a solidariedade, a justiça e a cooperação, preparando os estudantes para a vida em coletividade.

Por fim, destaca-se que a luta contra o preconceito e o bullying exige a participação conjunta de toda a comunidade escolar, das famílias e da sociedade em geral. Somente com a construção de uma cultura baseada no respeito às diferenças será possível transformar os espaços educativos em ambientes verdadeiramente inclusivos, que não apenas combatam a violência e a discriminação, mas também promovam o florescimento humano em sua integralidade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.

CANDAU, Vera Maria. *Educação intercultural: entre afirmações e desafios*. Petrópolis: Vozes, 2016.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FANTE, Cleo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2012.

FONTANA, Milena de Pieri Bez; GOMES, Maíra Marchi. Mediação de conflitos: uma possibilidade de intervenção junto às interações interpessoais no ambiente escolar. Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/14969/1/ARTIGO%20PRONTO%20MILENA.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LEDERACH, John Paul. *The moral imagination: the art and soul of building peace*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria (Rio J.)*, v. 81, n. 5, supl., p. S164-S172, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jped/a/gvDCjhggsGZCjttLZBZYtVq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MARTINS, Angela Maria; MACHADO, Cristiane; FURLANETTO, Ecleide C. Mediação de conflitos em escolas: entre normas e percepções docentes. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 161, p. 464-489, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WjKyvTvVf6tPHxjVQdMM8zs/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2022.

MOORE, Christopher W. *The mediation process: practical strategies for resolving conflict*. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

OLIVEIRA, Letícia Teodoro; ANJOS, José H. R. Diversidade na escola: uma proposta pedagógica de trabalho com a obra Diversidade de Tatiana Belinky. *Pesquisa UNIFIMES*, 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/elenomarques,+H053.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford: Blackwell, 1993.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 78, p. 3-46, 2007.

SILVA, Anna Paula. *Bullying escolar: análise e enfrentamento*. São Paulo: Cortez, 2017.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. *Violência e escola: sociologia de uma relação*. São Paulo: Cortez, 2002.